



FOTOS: KEITH DA FÁBIA, DIGITALIZAÇÃO

OS PAIS

O casal Kleber e Dalva Ramil. Ele era engenheiro da prefeitura de Pelotas; ela, professora alfabetizadora

Quando os pais perceberam, os filhos já estavam compondo canções, tocando e cantando juntos.

– Ao chegar da minha primeira aula de violão, o Kleiton estava me esperando ansioso. Queria saber como tinha sido. Eu havia aprendido uma música, que ensinei a ele na hora. Até hoje brinco que fui o professor de violão dele – conta Kledir.

A casa foi aos poucos se enchendo de instrumentos.

– Lá em casa, um violão não ficava meia hora parado sem ninguém pegá-lo para tocar – lembra Vitor.

Vitor é cerca de uma década mais jovem do que Kleiton e Kledir, e cresceu vendo os irmãos metidos em projetos que mudariam a história da música popular no Rio Grande do Sul. Os Almôndegas, banda que integraram entre 1971 e 1979, foi uma das pioneiras na integração de ritmos regionais com a MPB e o rock. Já na dupla Kleiton & Kledir, a partir de 1980, foram convertidos em sucesso nacional, com hits como *Vira Vitor*, *Deu*

Pra Tí e Paixão, excursionando por todo o país até hoje.

O pai dos jovens talentos não encarou sem preocupação a guinada dos filhos para uma carreira incerta como a musical. Quando matriculou a turma em aulas de música, não esperava que a atividade se tornasse um ganha-pão. No início da idade adulta, Kleiton e Kledir foram morar em Porto Alegre, na casa de uma tia, para cursar Engenharia – Kleiton na Eletrônica; Kledir na Mecânica. Mas os Almôndegas, banda que nasceu de uma convivência musical entre amigos, foi tomando dimensões cada vez maiores.

– No início, o pai tinha certa resistência com os Almôndegas. Por outro lado, desenvolveu um carinho especial pelo grupo. Quando soube que íamos fazer o último show do grupo, ficou comovido. Veio de Pelotas a Porto Alegre para assistir. Quando chegou à porta do Araújo Vianna, ninguém sabia quem ele era. Ele falou “sou o pai dos guris!” e foi entrando sem cerimônia – recorda Kleiton.

Kleiton não conseguiu pegar o diploma de engenheiro, pois estava tocando em um festival fora da cidade – pediu a uma namorada que fosse buscar o canudo. Já Kledir lembra que, depois de pegar o papel, foi mostrá-lo à família:

– Disse aos meus pais que ali estava o diploma, que então me sentia livre para me dedicar ao que eu queria, que era a música.

Além de Engenharia, os irmãos também cursaram na mesma época Composição e Regência Musical.

– Mais do que em um ambiente de música, crescemos em um ambiente de educação, de valorização do aprendizado – avalia Kledir.

Apesar de não ser músico, o patriarca foi uma referência importante de sensibilidade estética. Além de oportunizar aulas em conservatório para os filhos, tinha uma coleção de discos em casa e dançava tango como poucos na cidade. Não era raro que ele e Dona Dalva recolhessem o tapete da sala e exibissem seus passos para a turma. Nascido em Montevidéu, filho de um espanhol da Galícia, mudou-se com a família aos 12 anos para Pelotas, mas conservou intacto seu amor pela cultura platina. Gostava de viajar com a família para o Uruguai e se comovia até as lágrimas ao ouvir ou cantar algum tango.

– O pai era cara meio fechado, silencioso, mas também muito emotivo. Ele começava a cantar um tango e, lá pelas tantas, chorava. Nunca vi ele terminar um tango, pois se comovia antes do fim. Dançando, ele também ficava com os olhos marejados. A música era um canal de emoção muito forte para ele. A experiência de ver meu pai cantar e chorar sempre me fez pensar que minha música tinha que ter esse poder de comover, de ser profunda – conta Vitor.

Nos ensaios para *Casa Ramil*, foi possível comprovar que Vitor conseguiu compor obras tão comoventes quanto os tangos que o engenheiro Kleber cantava.

– Em muitos momentos dos

ensaios, a emoção é grande. Uma música é capaz de nos fazer chorar. *Satolep*, por exemplo, é uma canção do meu pai que me toca muito – diz Ian.

Pelotas, que deu origem ao palíndromo *Satolep*, é ainda o centro afetivo da família. Vitor mantém lá sua morada, na casa em que cresceu. Além disso, o Natal é geralmente celebrado no Laranjal, em uma casa de veraneio dos Ramil.

– Minha referência de praia sempre foi o Laranjal. Há um esforço de todos para ir até lá no Natal, mesmo a parte da família que mora no Rio. Isso gera uma união muito grande. Meus primos são para mim como irmãos – afirma Thiago.

Para os ensaios de *Casa Ramil*, a família está reunida desde o início do mês em Porto Alegre, onde moram Thiago, Gutcha e Ian – Vitor veio de Pelotas, enquanto Kleiton, Kledir e João saíram do Rio. Um tempo mais longo de convivência e de ensaios se justifica porque, longe de ser um espetáculo em que cada um apresenta suas músicas em separado, o show coloca todos no palco em interação o tempo inteiro. Isso só é possível com a criação coletiva de novos arranjos para cada uma das canções apresentadas.

A experiência dos mais velhos e a energia dos mais jovens ajudam nesse processo, mas há desafios novos em trabalhar com tanta gente próxima.

– É bem diferente de tocar com um músico que não é da família. Às vezes, uma discussão sobre um acorde em uma música pode levar a uma discussão de 20 anos atrás. Além disso, não há hierarquia, tudo é debatido entre todos – conta Ramil.

A linhagem Ramil também é um espelho de como o Rio Grande do Sul conseguiu se adaptar às mudanças da indústria musical. Kleiton & Kledir espelham o apogeu das grandes gravadoras. Lançaram discos com largas tiragens e se mudaram para o Rio, onde as corporações do disco tinham seus escritórios. Já Vitor Ramil conheceu as